

BRASIL-ÁFRICA

IMPORTÂNCIA, RECONHECIMENTO
E RESSIGNIFICAÇÃO



Debates do Seminário de Lançamento da
Edição em português da Coleção da UNESCO

História Geral da África

em Cachoeira, Bahia, 2 de abril de 2011

ELISA RODRIGUES SILVA

VALDINEIA SANTANA

Representação da UNESCO no Brasil
Ministério da Educação do Brasil
Universidade Federal de São Carlos

Publicado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

© UNESCO 2012. Todos os direitos reservados.

BR/2012/PI/H/8

Revisão técnica: Setor de Educação da Representação da UNESCO no Brasil

Revisão gramatical e ortográfica: Reinaldo de Lima Reis

Revisão editorial: Unidade de Publicações da Representação da UNESCO no Brasil

Projeto gráfico e diagramação: Unidade de Comunicação Visual da Representação da UNESCO no Brasil



SAUS, Quadra 5, Bloco H, Lote 6, Ed. CNPq/IBICT/UNESCO, 9º andar

70070-912 – Brasília – DF – Brasil

Tel.: (55 61) 2106-3500

Fax: (55 61) 2106-3697

Site: www.unesco.org/brasil

E-mail: grupoeditorial@unesco.org.br

[facebook.com/unesconarede](https://www.facebook.com/unesconarede)

twitter: [@unesco brasil](https://twitter.com/unesco brasil)

Os autores são responsáveis pela escolha e pela apresentação dos fatos contidos neste livro, bem como pelas opiniões nele expressas, que não são necessariamente as da UNESCO, nem comprometem a Organização.

As indicações de nomes e a apresentação do material ao longo deste livro não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte da UNESCO a respeito da condição jurídica de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, tampouco da delimitação de suas fronteiras ou limites.

Esclarecimento: a UNESCO mantém, no cerne de suas prioridades, a promoção da igualdade de gênero, em todas suas atividades e ações. Devido à especificidade da língua portuguesa, adotam-se, nesta publicação, os termos no gênero masculino, para facilitar a leitura, considerando as inúmeras menções ao longo do texto. Assim, embora alguns termos sejam grafados no masculino, eles referem-se igualmente ao gênero feminino.

Sumário

Prefácio1

Introdução3

Primeiras palavras3

História da África: Importância, Reconhecimento e Resignificação5

Debates7

Prefácio

A série "Debates e perspectivas para a institucionalização da Lei nº 10.639/2003", desenvolvida pelo Programa Brasil-África: História Cruzadas, tem como objetivo divulgar as contribuições realizadas pela UNESCO para implementar e institucionalizar a Lei nº 10.639, de 2003. A série se inicia com as discussões desenvolvidas no decorrer dos eventos de lançamento da edição em português da Coleção História Geral da África da UNESCO (referida como Coleção HGA), realizados no primeiro semestre de 2011. O lançamento da Coleção HGA é resultado da parceria da Representação da UNESCO no Brasil com o Ministério da Educação e a Universidade Federal de São Carlos, no escopo do Programa Brasil-África: História Cruzadas. Nas diferentes regiões do país, a Representação da UNESCO no Brasil estabeleceu parcerias com renomadas Universidades para o lançamento da obra. Os eventos contaram com a presença de expositores nacionais e internacionais, que potencializaram trocas de experiências e discutiram, de forma profunda, temas de história e cultura africana e afro-brasileira e da educação das relações étnico-raciais.

Essas discussões possibilitaram um mapeamento de necessidades e perspectivas para a implementação das diretrizes curriculares nacionais para a educação sobre relações étnico-raciais, história e cultura africana e afro-brasileira no sistema da educação básica do país e, ainda, foram apresentadas possibilidades de uso da Coleção HGA como um subsídio para a sua efetivação. O público, composto por pesquisadores, representantes de movimentos sociais, professores e alunos do ensino superior e da educação básica, teve a oportunidade de participar ativamente, trazendo contribuições importantes para as reflexões em pauta. A série é composta pelos seguintes documentos:

- Relatórios dos debates ocorridos durante os eventos de lançamento da Coleção HGA realizados em vários estados das regiões do Brasil, exceto a região Sul. Os conteúdos dos relatórios são compostos por falas e discussões sobre temas relacionados à institucionalização da Lei nº 10.639/2003.
- Vídeos com algumas das exposições realizadas por palestrantes nacionais e internacionais que participaram das mesas de debates.
- Fotos das mesas de abertura, mesas de debates e públicos presentes nos eventos de lançamento da Coleção HGA.

Setor de Educação da Representação da UNESCO no Brasil

Introdução

A UNESCO no Brasil, em parceria com a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação (Secadi/MEC) e a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), promoveu o lançamento da edição em português da Coleção História Geral da África. Os eventos de lançamento ocorreram nas cidades de Cachoeira (BA), Salvador (BA), São Paulo (SP) e Belo Horizonte (MG), entre março e abril de 2011, e reuniram pesquisadores africanos e brasileiros, bem como autoridades locais e regionais.

A Coleção História Geral da África (HGA) é um dos mais consistentes projetos editoriais da UNESCO. A Coleção completa foi publicada em árabe, francês e inglês, e versões condensadas foram editadas em várias línguas, inclusive hausa, peul e swahili. A obra conta com quase 10 mil páginas divididas em oito volumes e é resultado de pesquisas iniciadas desde 1964 por mais de 350 especialistas de diversas áreas do conhecimento e dirigida por um Comitê Científico Internacional composto por 39 intelectuais, de maioria africana.

Construída a partir da perspectiva do continente africano, a Coleção HGA encontra-se despida dos estereótipos e do olhar estrangeiro que por tanto tempo aprisionaram a África. Agora, tornou-se possível para todos que falam e compreendem a língua portuguesa vislumbrar a África sob um novo olhar: um olhar panorâmico, diacrônico e objetivo; que não resume a história da África ao tráfico de escravos e à pobreza; e que reconhece a formação de sociedades organizadas, ao invés de tribos. A obra constitui um poderoso instrumento para o reconhecimento do legado africano na história das civilizações e, nesse caso específico, para a formação identitária dos brasileiros.

Primeiras palavras

No dia dois de abril de 2011, ocorreu o evento de lançamento da edição em língua portuguesa da Coleção da UNESCO História Geral da África, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), em Cachoeira. A mesa de abertura foi composta pelos magnífico reitor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), sr. Paulo Gabriel Nacif; professor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Valter Silvério; presidente da Fundação Pedro Calmon (FPC), Ubiratan Castro de Araújo; coordenador-geral de Diversidade do Ministério da Educação (MEC), Antônio Mário Ferreira e pelo representante da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) no Brasil, Vincent Defourny, que debateram aspectos mais amplos acerca do processo de produção da Coleção.

O primeiro convidado a falar foi o reitor Paulo Gabriel Nacif, que destacou a satisfação da UFRB em sediar o lançamento da Coleção da UNESCO História Geral da África, embora seja uma instituição recente, com apenas cinco anos de funcionamento. Ressaltou também a importância

de autoridades culturais e políticas presentes no evento. O magnífico reitor declarou que a universidade também é responsável pela promoção da diversidade cultural. Segundo ele, não obstante os modelos culturais impostos pelas práticas ocidentais, essa dimensão deve ser reforçada para o cumprimento do respeito à diversidade.

Em seguida, o presidente da Fundação Pedro Calmon e também doutor em História Ubiratan Castro de Araújo dissertou sobre o significado da Coleção como material adequado de estudo e instrumento apropriado para a formação de estudantes e de professores, e discorreu também sobre a importância da implementação do ensino da história e cultura da África nas escolas. Lembrou ainda que o discurso racista restringe a história dos negros ao período escravagista, excluindo toda e qualquer história anterior a essa fase. “Desse modo, ignoram-se a história, a cultura, o conhecimento e a cosmogonia das civilizações africanas, o que implica uma naturalização do negro na condição de ser escravo destituído de identidade”.

A respeito da denominação “descendente de escravo”, citou Makota Valdina Pinto, que assegurava: “Nós não somos filhos da escravidão”, enfatizando que a África é berço de várias civilizações milenares e que, portanto, essa herança cultural africana deve ser reivindicada.

O pesquisador em ciências sociais Valter Silvério iniciou sua fala frisando que este momento não poderia existir sem o esforço da UNESCO e do Ministério da Educação. Confirmou a importância da acessibilidade da obra e recordou que o Brasil era considerado um país cujo racismo havia sido equacionado por meio do mito da democracia racial. Depois, se percebeu que essa conclusão era falsa. Agora, pode-se fazer análise dessa virada histórica com o lançamento da Coleção. De acordo com Valter Silvério, essa obra tem, para os brasileiros, um impacto que não se pode projetar; porque ela tornou possível para os brasileiros encontrar os elementos culturais da sua história.

O coordenador geral de Diversidade do Ministério da Educação (MEC), Antônio Mário Ferreira, começou dizendo parecer repetitivo falar sobre desigualdades sociais e étnico-raciais. Contudo esse tema deve ser lembrado para que não se tenha a sensação de que as desigualdades não existem ou de que elas são naturais. Mais de 120 anos após a Lei Áurea, pesquisas ainda divulgam em seus resultados a discrepância na saúde, moradia e emprego a que estão submetidos os negros em comparação aos brancos. Reconheceu que a desigualdade social existe, mas a racial mata muito mais. O Ministério da Educação e a Secadi não medem esforço nessa luta, mas, para ele, é necessário o envolvimento de toda a sociedade. O lançamento da Coleção é considerado um bom momento, pois é uma obra de referência que envolveu diversos pesquisadores, e permite a redescoberta do continente africano, a apreciação de novos horizontes e a elaboração de novos livros. Ele encerrou reafirmando que essa é uma conquista da qual ele se orgulha muito e da qual serão gerados inúmeros frutos.

O representante da UNESCO no Brasil, Vincent Defourny, destacou ser este um momento afirmativo para a UNESCO, pois representa a concretização de um sonho: traduzir e publicar a Coleção História Geral da África em Língua Portuguesa. Desejou que essa obra motivasse outros

trabalhos e afirmou que os afrodescendentes, bem como toda a sociedade, precisam de material sólido, sem estereótipos e representativo de uma África diversa, cuja riqueza é a base por meio da qual podem ser reconstruídas as relações étnico-raciais. Afirmou também que a Coleção é valiosa porque resgata a história da África, que é desconhecida, e torna possível a efetivação da Lei nº 10.639/2003. A cultura é, do seu ponto de vista, a melhor ferramenta para se entender com profundidade as origens da discriminação e também um meio através do qual se pode atuar sobre ela (a discriminação). Mas, para que a cultura funcione como um meio de atuação sobre a discriminação, é preciso que as políticas culturais se aproximem, de fato, das políticas de educação. Concluiu destacando a relevância de o lançamento ser na Bahia, devido à forte ligação histórico-cultural que há entre o estado baiano e o continente africano.

História da África: Importância, Reconhecimento e Ressignificação

A mesa História da África: Importância, Reconhecimento e Ressignificação, ocorrida em Cachoeira (BA), sob a coordenação do professor Juvenal de Carvalho Conceição (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia), foi composta pelo historiador Elikia M'bokolo (presidente do Comitê Científico da UNESCO para o Uso Pedagógico da Coleção HGA), pelo professor pesquisador Valdemir Donizette Zamparoni (Centro de Estudos Afro-Orientais/Universidade Federal da Bahia) e pelo professor Valter Silvério (Universidade Federal de São Carlos).

O professor Juvenal Conceição deu início à discussão lembrando as dificuldades para a implementação da Lei nº 10.639/2003, como a falta de informação e de fontes para pesquisar a respeito dos conteúdos referentes à história e cultura africanas e o contato limitado do Brasil com estudiosos africanos. Em seguida, passou a palavra ao Sr. Valter Silvério, que enfatizou a riqueza dos oito volumes da Coleção – riqueza que diz respeito aos brasileiros; e a possibilidade de identificar o quanto da África há no território brasileiro. Ele encerrou sua fala dizendo ter sido um privilégio trabalhar nessa tradução.

O historiador Elikia M'bokolo tomou então a palavra informando que os oito volumes da Coleção foram produzidos em 30 anos. De acordo com ele, essa obra, de caráter coletivo por ser produzida por estudiosos da África e de sua Diáspora, é mundial e constitui o resultado de uma militância intelectual, política e cultural que começou muitos anos antes da década de 1960. O historiador explica que não havia racismo contra o negro na Idade Média, pois esse racismo foi fruto do colonialismo e da escravidão. Os negros começaram a contestar as justificativas dadas pelo colonizador para as práticas escravagistas mostrando que não havia razão para a escravidão. M'bokolo destacou a importância da militância política, que era

composta de muitos historiadores, e citou William Edward Burghardt du Bois como primeiro negro a ter doutorado em História.

A preocupação desses militantes era de responder ao racismo não com argumentos racistas, mas se utilizando das ciências sociais. Assim, M'bokolo pontuou três novidades que os leitores encontrarão na Coleção: a primeira é que a história da África somente pode ser estudada em uma dimensão pluridisciplinar; a segunda é que essa história precisa ser continental e capaz de explicitar o que os africanos fizeram para o mundo, porque eles estão no mundo, não apenas no continente africano; a última é que a abordagem histórica sobre o continente africano precisa ser feita de dentro da África e também da diáspora africana, para que não se repita o equívoco de se estudar o continente africano a partir de uma perspectiva exclusivamente estrangeira.

M'bokolo citou ainda algumas teses que orientaram o trabalho da Coleção. São elas: tese da anterioridade das civilizações africanas (muitas técnicas e meios de produção de trabalho nasceram na África); tese da continuação da África (para a construção do presente e do futuro, é necessário olhar para o passado); tese da abertura do continente (a África não é um continente fechado, havia três economias no mundo, e a África era influente para todas); tese da resistência (diz respeito à consciência de que a África não iniciou o processo escravagista, ela foi vítima de tal processo e foi capaz de se recuperar e viver até hoje); e, por fim, a tese do renascimento (conceito antigo que se baseia no ato de seguir os modelos socioculturais das gerações anteriores – “Vamos fazer como nossos pais faziam.” – e está relacionado ao processo de recriação do continente).

Segundo M'bokolo, depois do lançamento da Coleção não há mais como negar a existência de uma história da África. A África não só tem história, como também atuou nela de forma muito significativa. Enfatizou também que a luta contra o racismo não pode parar, pois ainda há quem afirme que o negro não é uma figura preponderante da história. Por isso é necessário que os jovens aprendam o que os antigos fizeram e continuem escrevendo a história da África e de sua diáspora. Ele encerrou afirmando seu orgulho pelos povos africanos por serem eles povos de peso, cuja história é marcada por lutas, e destacou a Bahia como uma terra ao mesmo tempo brasileira e africana.

O último componente da mesa a falar foi o professor Valdemir Zamparoni. Ele afirmou que hoje pode se orgulhar dessa edição, mas a África, ainda nos dias atuais, é ligada às seguintes palavras: guerra, fome, miséria, destruição, entre outras. Essa imagem é incessantemente repetida nos meios midiáticos, que divulgam a África como selvagem e única, reduzida a uma cidade. Conforme afirma o professor Zamparoni, essa homogeneização foi criada pelos europeus a serviço da dominação. Confirmou que há trinta anos escreveu sobre o fato de a África aparecer como apêndice na história. Ela foi distanciada. Criou-se, nas palavras de Zamparoni, “uma propositada amnésia cultural” de não querer ver a África na história. Os negros aparecem como se viessem nus de saber e de conhecimento. O palestrante assinalou que conhecer a história da África é muito mais do que uma questão de herança. É buscar referências identitárias. Para

finalizar, afirmou que, enquanto a África permanecer desconhecida, esses estereótipos continuarão presos a ela; e, por mais que pareça antiga a ideia de se divulgar a África, é a isso que ele se dedica a pesquisar e escrever.

Debates

Com o término das exposições, a palavra foi concedida ao público para considerações, questionamentos, observações ou qualquer outro tipo de interpelação. A plateia fez as intervenções enumeradas a seguir¹:

1. Questionou-se a respeito da negligência da mídia com o massacre sofrido pelo povo negro com o tráfico de escravos e perguntou-se aos componentes da mesa qual o lugar dos estudos do tráfico de escravos na Coleção História Geral da África.
2. Foi mencionada a preocupação com a educação das crianças, cujos familiares são adeptos das religiões afro-brasileiras, nas escolas em que há a predominância de religiões pentecostais e neopentecostais.
3. Inquiriu-se sobre como democratizar os conhecimentos acerca da história da África para aqueles/as que atuam em sala de aula e também se há algum projeto que se destina ao estudo da África atual.
4. Pediram-se orientações sobre como romper com a resistência dos estudantes em discutir, em estudar a história da África e as questões relacionadas ao racismo e à África que são silenciadas pela psicologia.
5. Perguntou-se sobre quais as medidas a serem tomadas para que esses materiais cheguem às escolas e aos estudantes.

O professor Valter Silvério iniciou respondendo que, no que se refere à questão de o holocausto ser tão referenciado em detrimento do tráfico de escravos, as agências de pesquisa não são neutras e seguem seus pontos de vista ideológicos. À medida que os negros adentrarem essas agências, outras agendas surgirão. A respeito da utilização desse conteúdo no ensino básico, chamou a atenção para a necessidade de transcender o campo da educação e dialogar com o campo das ciências exatas e naturais também, não somente das ciências humanas. Complementando a fala de Silvério sobre a questão do tráfico de escravos, Ubiratan de Castro afirmou que esses estudos a respeito do tráfico de escravos já existem em outros países e é necessário trazê-los para o Brasil. Ele ainda propôs à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia a organização de um programa envolvendo o projeto A Rota dos Escravos.

1. Como alguns dos ouvintes que fizeram intervenções não disseram seus nomes, a organização será feita por numeração da ordem de fala de cada um.

Em seguida, Zamparoni tomou a palavra para informar que fez levantamento dos cursos que ensinam história da África e constatou que há poucas instituições e profissionais da área de educação atuando com tal temática, e a justificativa para a ausência de abordagem da história e culturas africanas era de que não havia especialistas para trabalhar com esse tema. Para o professor Zamparoni, é necessário ter boa vontade, não obstante o pouco material existente, pois não adianta haver material, se mentes deturpadas continuarem a ver a África sob um olhar eurocêntrico, é o que também acontece com os cursos de psicologia. Ele então lançou um desafio à UNESCO para criar uma linha de tradução de obras elaboradas por autores africanos e também a necessidade de distribuir a Coleção em escolas e em universidades públicas dos países africanos de língua portuguesa.

Encerrando a mesa, o historiador Elikia M'bokolo comentou, a respeito do estudo da África contemporânea, que o oitavo volume se estende à década de 1980, mas existem ensaios, filmes e livros que podem ser utilizados no estudo da história atual do continente africano, e que até o fim deste ano ocorrerá uma conferência sobre os 50 anos de independência. Concluiu que o Brasil, os Estados Unidos e o Haiti precisam conhecer melhor a África e produzir material de estudo sobre ela. Desse modo, foi encerrado o lançamento da Coleção em Cachoeira (BA).